

2 – Progresso, felicidade & cia. LTDA

Ruben George Oliven

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEN, RG. *Metabolismo social da cidade e outros ensaios* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 2 – Progresso, felicidade & cia. LTDA. pp. 10-18. ISBN: 978-85-7982-012-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

2 - PROGRESSO, FELICIDADE & CIA. LTDA.

Oscar Wilde afirmou que o homem sofre uma desilusão em dois casos: quando seus ideais não se realizam e quando eles se realizam.

Ironia à parte, esta afirmação encerra questões bastante sérias que este ensaio pretende analisar.

Os termos progresso e felicidade são, atualmente, muito empregados, mas pouco questionados. A pergunta que precisa ser formulada é: progredir por quê e para quê? À primeira vista a pergunta pode parecer absurda ou reacionária, mas sua resposta implica em analisar quais são os objetivos a que se pretende chegar com o progresso.

O termo progresso é mais frequentemente utilizado no sentido de progredir por progredir. O objetivo do progresso seria, então, o próprio progresso, como se ele fosse um valor em si mesmo.

Do mesmo modo, a felicidade é, geralmente, formulada como um ideal. Trata-se de uma caminhada em direção a um objetivo que vai se distanciando à medida que é perseguido. A impossibilidade de alcançar este objetivo está na raiz da felicidade. Atingir o ideal relacionado com a felicidade, provavelmente, traria infelicidade, pois o que torna a ideia de felicidade tão atraente é justamente a dificuldade em alcançá-la.

Para aprofundar as questões que levantei torna-se útil construir um modelo de análise. Ele se constitui de duas sociedades ou culturas. Uma tradicional, a outra moderna. Como exemplos extremos da primeira cultura poderíamos tomar uma tribo indígena e para segunda cultura poderíamos utilizar um país considerado desenvolvido.

Ao primeiro tipo de sociedade costuma-se chamar frequentemente de primitiva, embora vários antropólogos (LEVI-STRAUSS, 1970) chamem a atenção para o fato de estas sociedades ou culturas somente serem primitivas na percepção dos observadores oriundos de sociedades *não-primitivas*. Em verdade elas apresentam uma complexidade e sofisticação de organização social e mental do mesmo nível das sociedades modernas.

As culturas tradicionais são também, frequentemente chamadas de atrasadas por leigos. Para fazer uma afirmação deste tipo sem falsear a realidade é necessário ter critérios objetivos que possam medir o atraso de uma cultura.

Estes critérios objetivos provavelmente estariam ligados a medir o progresso técnico ou econômico mas certamente se tornariam pouco objetivos ou até ineficazes para medir o progresso social ou a felicidade.

É perfeitamente possível dizer, por exemplo, que uma sociedade possui índices mais favoráveis que outras no que concerne a recursos tecnológicos, à saúde física, recursos postos à disposição do indivíduo, etc. Isto pode ser expresso em indicadores do tipo energia elétrica *per capita*, expectativa média de vida, renda *per capita*, etc. Neste sentido o termo desenvolvimento é sempre medido por critérios que refletem o nível tecnológico ou econômico de uma sociedade.

Como medir, entretanto, o nível de progresso social ou de felicidade em bases objetivas? Inevitavelmente incorremos no risco de nos tornarmos etnocêntricos e de considerar e julgar sociedades culturalmente diversas com critérios fornecidos pela nossa própria cultura.

Heródoto relata o diálogo entre alguns gregos e uma tribo bárbara, na qual os primeiros expressam seu horror pelas práticas dos bárbaros em comerem seus mortos, e estes, por seu lado, expressam um quase semelhante horror pela prática de enterrar os mortos, seguida pelos gregos, o que para eles constitui um choque tão grande como os seus próprios costumes para os gregos.

Sobre esta atitude emocionalmente condicionada que se chama de etnocentrismo, o que Heródoto escreveu há séculos permanece válido: "... Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, àqueles que lhes parecessem melhores, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios

costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores que todos os outros"^a.

Alex Inkeless (1956), em um artigo intitulado "The Modernization of Man" cita nove elementos que julga serem as características do homem moderno. Com bases nestes indicadores foram pesquisadas culturas de diferentes níveis. Entre as características apontadas por Inkeless como sendo as do homem moderno, a maior parte é objetiva, como por exemplo, a disposição para novas experiências e abertura para inovação e mudança, mais fé na ciência e tecnologia, etc.

Ao chegar à sétima característica o autor afirma: "O sétimo tema que enfatizamos é a dignidade. Nós entendemos que o homem mais moderno é alguém que possui mais consciência da dignidade dos outros e maior disposição para mostrar respeito por eles. Nós sentimos que isto fica muito claro em atitudes em relação à mulheres e crianças"^b.

Ao citar a dignidade (medida pelo modo de tratar mulheres e crianças) como uma das características do homem moderno, Inkeless (1956) maneja com indicador que é etnocêntrico. Sabemos que a dignidade é um conceito relativo que varia no tempo e no espaço. E que é encarado por critérios de cada cultura que vão desde a capacidade de sofrer em silêncio até o dever de vingar um parente assassinado. O modo de tratar mulheres e crianças varia consideravelmente não só entre culturas tradicionais e modernas, mas entre os vários tipos de culturas modernas. O que é mais digno: o costume esquimó de emprestar a mulher ao hóspede ou a obrigação de matar a mulher adúltera?

Analisar outras culturas com bases nos nossos próprios valores não leva a conclusões significativas, porque acaba-se trabalhando com estereótipos, isto é, imagens simplificadas de outras culturas.

^a BLANKEY, E. H. The history of Herodus. London, Everyman's Library, 1910. V. 1, p. 89

^b INKELES, Alex. "The modernization of man". In: WEINER, Myron. *Modernization*. New York, Basic Books, 1956. p. 144

No modelo de comparação entre dois tipos de sociedades, não se torna difícil afirmar que as sociedades modernas possuem um grau mais elevado de progresso tecnológico e econômico. Mas do ponto de vista social e emocional é perfeitamente cabível a pergunta: em que todo este progresso tecnológico-econômico levou o homem a ser mais feliz? Ou: não é o homem atrasado mais feliz que o moderno?

A Organização Mundial de Saúde define saúde como "o mais completo bem-estar físico, mental e social"^c. Se nos ativermos a esta definição podemos facilmente constatar que as sociedades modernas estão enfermas. Para chegar a tal conclusão bastaria usar indicadores que medissem o bem-estar físico (estatísticas sobre mortalidade e morbidade, assistência médico-hospitalar, nutrição, etc.), o bem-estar mental (índices de suicídios, de alcoólatras e viciados em drogas, internamentos em hospícios, homicídios e outras formas de violência) e o bem-estar social (distribuição de renda, possibilidades educacionais e profissionais, etc).

Surge então a seguinte pergunta: como pode uma cultura que se define como enferma julgar-se o modelo de progresso ou felicidade?

Só é possível analisar culturas com base nos seus próprios valores. Toda cultura possui sua coerência própria e nela várias funções são desempenhadas através de seus elementos culturais. Os costumes e valores servem para a perpetuação de sua configuração sócio-cultural.

Os costumes e valores de uma cultura nem sempre obedecem a um critério de racionalidade e portanto não podem ser analisados sob este ângulo. A tese iluminista da racionalidade humana foi descartada a partir de Freud que mostrou como a conduta humana está eivada de aspectos irracionais e como é motivada pelo inconsciente. Para Freud a irracionalidade é o cerne irreduzível do homem e na medida em que as sociedades se organizam elas cerceiam esta irracionalidade.

A repressão social da irracionalidade no indivíduo talvez explique o fato de as sociedades modernas altamente organizadas

^c ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição, 1948. *Constituição da Organização Mundial da Saúde, aprovada em 7 de abril de 1948*. 19. ed. Rio de Janeiro, 1968

apresentarem uma grande incidência de desajustes psicossociais e fenômenos neuróticos. Existe uma relação entre a cultura e a personalidade de seus membros. Toda sociedade, através do processo de socialização, transmite a seus membros seus valores e ideais.

Alguns costumes de certas tribos, como jogar fora uma parte da colheita, podem parecer absurdos sob o ponto de vista estritamente econômico. Nada indica, entretanto, que os membros desta cultura sejam infelizes. Eles seriam infelizes se fossem transportados para uma cultura moderna, do mesmo modo que os membros desta não se sentiriam muito à vontade se tivessem que viver numa tribo.

Tentar impor a culturas tradicionais nossos valores constitui uma forma de violência cultural. Há exemplos muito importantes disso: a aculturação de indígenas tentada por sociedades modernas tem significado frequentemente seu desaparecimento não só cultural, mas físico também.

Ainda no nosso modelo de análise, a sociedade tradicional pode ter valores que a façam mudar pouco. Seus costumes podem ser muito mais em direção à permanência e estabilidade.

É muito frequente que o homem moderno não consiga entender a passividade e a falta de sentido na existência do homem primitivo.

Por trás da tentativa de levar nossa imagem de progresso e felicidade a outras culturas está a ideia ocidental de dar sentido à vida. Esta ideia origina-se no judaísmo e no cristianismo, que dão a vida como sagrada. Para o judaísmo, o homem foi feito à imagem de Deus, e como tal também é santo. A vida seria a situação na qual o homem se santificaria, o que explica porque qualquer preceito religioso não deve ser respeitado se seu cumprimento implicar em perigo à vida. Para o catolicismo a vida terrena é uma preparação para a que vem depois da morte e para o protestantismo uma das funções do homem na terra é glorificar a obra de Deus através da prática de boas ações. Para estas religiões o suicídio é um pecado grave pois implica na destruição de algo sagrado.

Max Weber (1970) mostrou como muitos protestantes associaram a ideia de glorificar a obra de Deus pela prática de boas ações com o ser bem sucedido economicamente. Para Weber a ética

protestante está fortemente associada ao espírito do capitalismo, na medida em que esta interpretação criou uma motivação muito forte em seus seguidores.

A própria dinamicidade do homem moderno está intimamente associada à sua agressividade e talvez nada mais seja do que uma forma de agressividade canalizada de um modo socialmente aceito. A agressividade comparece entre os valores que o homem moderno recebe de sua cultura e que influencia decisivamente sua personalidade.

Se em outras épocas a agressividade se manifestava mais sob uma forma grupal, modernamente ela surge também sob a forma individual. Para o homem moderno que vive em grandes aglomerados urbanos o que ressalta cada vez mais é a agressividade individual, como algo desejado e reforçado inclusive. Isto se manifesta nas mais variadas formas, principalmente na ideia de vencer na vida, geralmente fundada no princípio de que para uns vencerem, outros precisam sofrer uma derrota.

Um exemplo significativo é o fato de que o empresário dinâmico é comumente chamado de empresário agressivo, sem que esta palavra tenha qualquer conotação pejorativa.

Os padrões de comportamento que as culturas modernas impõem a seus membros envolvem as ideias de sucesso, de consumir e de dinheiro como fontes de felicidade. A ditadura de consumo que se instaurou nos países altamente desenvolvidos, dada a necessidade de as indústrias venderem seus novos produtos, faz com que estes necessitem tornar-se rapidamente obsoletos, a ponto de a obsolescência ser inclusive planejada.

Não parece existir uma correlação positiva entre progresso tecnológico econômico e felicidade. Não há nada que prove que as sociedades que progridem em sua técnica possibilitem a seus membros serem mais felizes. Sobre felicidade estou entendendo a definição de Camus quando afirma: "Mas que é felicidade, senão a simples concordância entre um ser e a existência que leva?"^d. Esta

^d CAMUS, Albert. "O deserto", In: _ . Bodas em Tipasa. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964., p.43

definição me parece ser bastante objetiva e não estabelecer juízos de valor.

Se voltarmos ao nosso modelo de análise veremos que o homem de culturas tradicionais pode ter seu esquema de vida relativamente bem organizado e sentir-se seguro por conhecer sua posição dentro da sociedade a que pertence. Como, frequentemente, sua cultura tende mais à permanência, suas ambições são pequenas. O processo de enculturação faz com que aceite seu *status* sem preocupação de perdê-lo ou de conquistar outro mais alto. Suas necessidades são simples se comparadas com as do homem de culturas modernas. E, ao contrário deste, não necessita questionar-se tanto a respeito do sentido da vida.

Já as culturas modernas se transformam com muito mais rapidez. A hierarquia social é menos rígida e existe possibilidade de nela baixar e subir; os grupos de fidelidade são muito mais difíceis de identificar. A noção do que é certo e do que é errado também é muito mais flexível.

O processo de enculturação do homem em sociedades modernas frisa a ambição como um valor, pois a cultura é muito mais competitiva. A sociedade de consumo através dos meios de comunicação de massa cria constantemente novas necessidades no indivíduo. Isto faz com que ele desenvolva um nível de aspirações crescentes. Estas são intermináveis pois no momento em que uma é atendida, cria-se uma nova.

A existência do homem moderno, de um modo genérico, gira em torno de sempre aspirar a mais. Este processo apresenta muita semelhança com a noção de felicidade encarada como um ideal inatingível. Pode-se dizer que este empenho por alcançar um ideal inatingível e o infundável processo de ambicionar sempre mais é que produz *felicidade* ao homem moderno.

A palavra felicidade foi colocada em destaque no parágrafo anterior pois só podemos considerar felizes as pessoas que estiverem em concordância com este tipo de existência que levam. O problema reside justamente no fato de que embora este processo promova o progresso tecnológico-científico, ele não obrigatoriamente promove a

felicidade, pois o número de pessoas de culturas modernas que não conseguem se ajustar a ele torna-se cada vez maior. É interessante observar que isto se dá com maior intensidade justamente naquelas culturas modernas que possuem o mais alto nível de progresso tecnológico-econômico.

Bibliografia Consultada

1. BLANKEY, E. H . *The history of Herodutus*. London, Everyman's Library, 1910
2. CAMUS, Albert. "o Deserto". In: — . *Bodas em Tipasa*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
3. INKELES, Alex. "The modernization of man". In: WEINER, Myron. *Modernization*. New York, Basic Books, 1956.
4. LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Ed. Nacional, 1970.
5. ANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição, 1948. *Constituição da Organização Mundial da Saúde*, aprovada em 7 de abril de 1948. 19. Ed. Rio de Janeiro, 1968.
6. WERNER, Max. *The protestant ethic and spirit of capitalism*. 10. Ed. London, Unwin University Books, 1970.